

Prefácio

Com muita alegria recebi o convite para prefaciar o livro *Nilza Vieira: uma professora de Ciências inesquecível*, resultado de uma pesquisa de expressivo valor para os estudos da educação e, em particular, para a Educação em Ciências. A obra refere-se à história de vida profissional de Nilza Bragança Pinheiro Vieira, uma professora formada em História Natural no final dos anos 1950, cuja docência se iniciou na década seguinte, lecionando Ciências e Biologia em escolas públicas na cidade do Rio Janeiro, quando esta era a cidade-capital-estado da Guanabara. A pesquisa de Rodrigo Borba acompanha o trabalho realizado por Nilza Vieira no ensino de Ciências desde os anos 1960 para estudar sua vida profissional até o final dos anos 1980. Reconhecida dentro de círculos mais restritos da comunidade de Educação em Ciências, Nilza Vieira ganha evidência pela pesquisa de Rodrigo Borba para tornar-se *uma professora inesquecível*. Mobilizando essa categoria desenvolvida por Sonia Lopes (2013)¹ – docentes cujas práticas pedagógicas permanecem nas lembranças, sendo acionadas por estudantes e colegas e provocando processos de identificação –, Rodrigo recolhe uma densa narrativa junto a Nilza e vai em busca de vasto material documental, fotos, notícias de jornais e livros didáticos para compreender sua história dentro do contexto educacional. Além disso, reúne outras narrativas de estudantes e estagiários egressos de um laborioso passado junto à Escola Municipal Camilo Castelo Branco, escola-oficina onde Nilza inventou e reinventou suas aulas de Ciências, encantando seus discentes e marcando as experiências rememoradas pelos entrevistados.

Acionando o conceito de *professora inesquecível*, Rodrigo Borba não se fixa numa visão mítica ao articular a biografia e o trabalho de Nilza, pois se encontra advertido de que poderia ceder a uma hagiografia que pouco contribuiria para transformar a “estória de vida” profissional de Nilza em uma “história de vida”, como bem adverte Ivor Goodson (2015).² O trabalho de Rodrigo não pressupõe que Nilza se torna inesquecível exclusivamente na subjetividade dos que com ela conviveram, mas seu estudo também

1 LOPES, S. M. C. N. Professores inesquecíveis: docência e prestígio no Instituto de Educação do Rio de Janeiro dos anos 1950-60. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação**, Cuiabá, 2013, p. 1-12.

2 GOODSON, I. F. **Narrativas em Educação**: a vida e a voz dos professores. Porto: Porto Editora, 2015.

pretende produzir uma *memória coletiva*³ que contribua para a história do ensino de Ciências. Realçando o contexto da época, Rodrigo vai buscar nele as problemáticas sociais imbricadas em um período da história educacional brasileira que mesclava esperanças para mais autonomia nos currículos estaduais e municipais, trazidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (LDBEN/1961),⁴ e a desejada expansão da escolaridade, mas ao mesmo tempo era atravessado pelos freios da arbitrariedade ditatorial que envolveu o país nas sombras da violência e da censura. Para isso, a presente obra escrutina as muitas atividades desempenhadas por Nilza junto a seus estudantes “no Camilo”, forma como se referem à escola. Sua sala de aula foi transformada em laboratório de atividades não livrescas, dispondo de um viveiro de animais, cujo acervo se originava de doações de animais capturados e feridos em ambientes domésticos que os estudantes traziam para a escola. Entre animais vivos e taxidermizados, Nilza ia ensinando sobre a vida, os hábitos e *habitats* ao mesmo tempo que encorajava os estudantes a enfrentarem seus medos e repulsas em tocá-los e segurá-los, tornando-os presença constante no cotidiano escolar.

Nas fontes documentais, Rodrigo Borba encontra muitos fios para continuar montando a tessitura da história profissional de Nilza, seja porque suas lembranças e as dos que ele entrevistou se embaralham com as experiências do presente, seja porque ele assume o diálogo com essas fontes não como contraprova, mas como parte do intrincado mapa de pesquisa. Ao fazer isso, controla julgamentos que se afastam do rigor metodológico, advertido pela “ilusão biográfica” de que fala Bourdieu, evitando que a narrativa de vida de Nilza se apresente como “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva de um projeto” (2006, p. 184).⁵ Os capítulos que compõem a presente obra organizam os acontecimentos biográficos de Nilza Vieira como “*colocações e deslocamentos no espaço social*” (Bourdieu, 2006, p. 190, grifos do autor), sem recair numa

3 Referência a Michael Halbwachs. HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2017.

4 BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 20 de dezembro de 1961.

5 BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191, 1996.

cronologia que progressivamente exacerbasse suas “glórias”. Por um lado, Rodrigo está consciente de que sua escolha se vale dos atributos que destacaram a vida da biografada, mas, por outro, constrói sua própria narrativa, acionando interpretações que desviam e abrandam a “pulsão narcísica socialmente reforçada” (Bourdieu, 2006, p. 191).

Valendo-se de diversas advertências da historiografia e da sociologia, Rodrigo Borba reconta a história profissional de Nilza e visibiliza suas ações pedagógicas e seu impulso pessoal de educar, acionando um sentido de currículo de Ciências marcado pelos traços biográficos. Movida pelas suas convicções acerca do valor do aprendizado científico, Nilza ia formando gerações e ensinando-as a estudar Ciências sem o formalismo de aulas baseadas na memorização de nomenclaturas de plantas e animais, algo que, para ela, paralisava o entusiasmo por continuar aprendendo. Ao contrário, a professora falava de outra possibilidade de ensinar Ciências, capturando o desejo de seus estudantes por meio do contato direto com animais, plantas e rochas advindas das muitas coletas de espécimes que fazia. Conduzia suas aulas como a lhes dizer que aprender Ciências é tocar, sentir, cheirar, observar, conhecer, encantar-se e alegrar-se. Para isso, Nilza não ficava presa ao espaço escolar, mas levava os estudantes e os estagiários das universidades que vinham aprender com ela aos trabalhos de campo pelos arredores do Horto e pela Praia Vermelha, na então capital do Rio de Janeiro.

Ao fazer isso, Nilza associava o aprendizado em Ciências à paixão pelo que atualmente chamamos de biodiversidade, especialmente junto aos aprendizes e aos que passavam por suas aulas de campo, atividades registradas em muitas fotografias examinadas. Em sua alquimia pedagógica, a educadora encontrava a defesa de que se encantar com as aulas, com as atividades práticas e ir a campo não significava apenas aprender sobre o conhecimento científico. Por meio dessas atividades, ela imprimia um valor pela natureza e realçava a luta pela sua preservação. A aposta pelo *cuidado* antecipou a ambientalista que ela ia se tornando ainda nos anos 1980, entendimento que Rodrigo Borba desenvolve sem anacronismos. Efetivamente, este estudo nos permite reconhecer que o cuidado foi um traço recorrente na docência de Nilza, manifesto em dimensões como cuidado com o outro-estudante e com o conhecimento, com as nomenclaturas que ia traduzindo para suas turmas acompanhadas de explicações

sobre os processos biológicos e, obviamente, cuidado com a preservação dos seres vivos.

Ao trazer as lembranças das experiências vividas por Nilza junto aos estudantes e estagiários na Escola Municipal Camilo Castelo Branco, Borba captura os transbordamentos de sua ação docente, marcada pelo cuidado na produção de material e livro didático, bem como no desenvolvimento de projetos, cursos e oficinas, denotando seu esforço em contribuir para a melhoria do ensino de Ciências. Em sua análise, sobressai o lugar que o chamado Movimento de Renovação do Ensino de Ciências ocupava na docência de Nilza e onde encontrava fontes que ressoavam com os traços de sua prática pedagógica.

Ao longo da maior parte da história profissional de Nilza Vieira, vivíamos no Brasil um movimento que reverberava – e reinventava – a onda reformista do currículo de Ciências que, principalmente nos Estados Unidos, argumentava sobre o valor estratégico que a educação científica em bases experimentais e não livrescas representava para os rumos norte-americanos em plena Guerra Fria (Azevedo, 2020).⁶ Capitaneada por expressivos nomes da comunidade científica e por pesados investimentos estatais e privados, a reforma estadunidense sobrevalorizava a ciência e transpunha esse valor para a escola. Por meio da proposição da “redescoberta” – a metodologia de ensino que pleiteava a reprodução de experimentos realizados por cientistas – lá, como aqui, fixava-se a metáfora do aluno como cientista, algo que ainda é argumentado por muitos, mesmo sem considerar as diferenças entre conhecimento científico e conhecimento escolar. Na cronologia da educação brasileira, os anos do escolanovismo deixados para trás se reavivaram nesse movimento (Abrantes; Azevedo, 2010)⁷ e essa metáfora parecia propícia para mesclar sentidos e reinventar o ensino ativo nas aulas de Ciências.

Nos primeiros anos da década de 1960, o então estado da Guanabara funda o Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Estado da Guanabara, o CECIGUA, laboratório ativo da reinvenção do ideário

6 AZEVEDO, M. **Entre a bancada e a sala de aula** – A experimentação no período de ouro do Ensino de Ciências. Curitiba: Appris Editora, 2020.

7 ABRANTES, A. C. S.; AZEVEDO, N. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 5, n. 2, p. 469-492, 2010.

reformista estadunidense, que convidava professores experientes para remodelarem sua docência e, principalmente, formava novos docentes nas metodologias experimentais, construindo materiais de baixo custo e apostando na atualização dos conhecimentos científicos a serem tratados nas escolas. O encontro de Nilza Vieira com tudo que se desenvolvia no CECIGUA parece potencializar seu fascínio pela ciência, mostrando-lhe um caminho pedagógico possível para o trabalho com suas turmas. O aprendizado de Nilza no CECIGUA espelha seu entusiasmo pelo ensino de Ciências, encontrando em todo o ideário do Movimento de Renovação em Ciências, materializado nessa instituição, mais do que experiências a reproduzir, mas a reafirmação de suas convicções pedagógicas e os modos de expandi-las. O CECIGUA se torna um espaço para legitimar o trabalho que Nilza esboçava em colaboração com Cândido Oromar Vieira, seu esposo e parceiro de trabalho, Walter Veiga e Marli Veiga da Silva, colegas de profissão e amigos que compartilhavam projetos e sonhos para o ensino de Ciências desde os tempos da graduação em História Natural na Universidade do Brasil. A força dessa equipe impulsiona a criatividade e o vigor do trabalho no “Camilo”, integrando-se ao coletivo de educadores desse Movimento que trabalhava no CECIGUA, sendo por ele influenciada e passando também a influenciá-lo.

Se o Movimento de Renovação do Ensino de Ciências ganha centralidade na trajetória de vida profissional de Nilza Vieira, é preciso destacar que o estudo de Rodrigo Borba consegue capturar outros desdobramentos do trabalho iniciado nos anos 1960 para registrar como ela vai se reinventando como professora nos anos 1980. Sem negligenciar seu apreço pelo trabalho na sala de aula, Nilza vai buscando outros modos de compreender sua prática docente. Investe no curso de mestrado para revisitar seu trabalho com lentes teóricas do campo da educação que, até então, não dispunha. Desdobra seu trabalho na sala de aula para formar outros docentes, buscando astutamente, para isso, se associar com atores científicos que gozavam de uma legitimidade que, enquanto professora de escola pública, não possuía. Ao buscar essa aproximação, consegue pleitear recursos financeiros para desenvolver o projeto *Criança Ensina Criança*, algo que resumia o esforço empreendido nos anos de docência. Reúne futuros professores em torno desse projeto, atualizando-se frente ao desenvolvimento do pensamento biológico e mirando o movimento ambientalista brasileiro que se organizava em torno dos anos 1980 para nele situar seu nicho. Até se aposentar como professora da educação básica em 1997, Nilza continuou se reinventando como docente,

ambientalista e formadora, algo que faz Rodrigo Borba reconhecer, de modo inseparável, suas três vidas, que foram sendo construídas desde que saiu da Universidade do Brasil com um diploma de licenciada em História Natural e metabolizadas pelas mudanças no conhecimento biológico que precisava incorporar ao deixar que as tradições naturalistas fossem permeadas pela leitura evolutiva. Prossegue reforçando e revisando o ensino escolanovista em bases da experimentação e do cientificismo do Movimento de Renovação do Ensino de Ciências e puxa o fio do ambiente, que na História Natural se confundia com a própria existência da biodiversidade, para torná-lo um passaporte formativo que extrapolava os limites da escola.

A obra que Rodrigo Borba nos traz é uma contribuição robusta para a Educação em Ciências, pois coloca em diálogo o campo da História da Educação brasileira, em particular da história das disciplinas escolares, com o do Currículo. Por um lado, ele exercita a escuta atenta da narrativa de Nilza sem abrir mão do encantamento por essa vida, por outro, não descuida da reflexão teórica que lhe permite escutar além do que essa voz queria monumentalizar. Rodrigo nos fala que narrar a história de vida de uma professora de Ciências é trazer a história da própria disciplina, é operar com a memória sem esquecer a história, é percorrer caminhos não capturados pela história vista de cima, é ir ao encontro do trabalho anônimo na sala de aula, é fazer rodar o tempo e visitar os documentos, não para fazer com eles falem, mas para enriquecer a compreensão de uma vida profissional.

Ao vocalizar a docência vivida por Nilza, Rodrigo permite que seu estudo também fale das muitas docências talhadas anonimamente nas múltiplas inventividades que se dão nas salas de aula de Ciências. É trazendo Nilza para o centro da narrativa que Rodrigo reverbera a existência dos sujeitos periféricos da escola para encontrar vida, entusiasmo, desejo e potência onde muitos enxergam a aridez técnica de uma profissão que parece apenas voltada a reproduzir o conhecimento e as injustiças e a reforçar a desertificação da escola. Ao contrário, o que lemos nas páginas desta obra é desejo feito encanto, é esforço feito resiliência, é transformação de vidas feita na avenida profissional. E a grande felicidade da escolha de Rodrigo é que ele mistura seus próprios sonhos de uma carreira que se inicia com os da Nilza. Ele ouve dos que já laboraram no ensino de Ciências escolar há tanto tempo as lições do passado para projetar seu futuro em

outro futuro social, inspirando-se nessa ancestralidade docente que a história da profissão nem sempre conta.

É possível dizer que o trabalho de Rodrigo Borba se pergunta quem inventa a história que conta e para quem conta. Encontro nas palavras de Eliane Brum⁸ um pouco da inquietação que conduziu a pesquisa de Rodrigo e o que se propôs no seu estudo: “Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa” (2014, p. 9). Retirando Nilza Vieira do silêncio, Rodrigo afirma sua vida para que a narrativa testemunhe sua docência. A obra *Nilza Vieira: uma professora de Ciências inesquecível* fala de muitos acontecimentos que seguem secundarizados por muitos de nós, professores e professoras de Ciências. E recorre a uma ancestralidade docente para que ela não fique “desbotada na memória das novas gerações”, como a canção de Chico Buarque evoca. Rodrigo Borba fala de passado para falar do presente, fala de passado para falar de futuros, fala para todos os docentes de um país que não os valoriza. Ele anseia dizer que suas vidas profissionais e os modos como as tecem são um reduto de resistência, são espaços de esperança e de possibilidades. Quando vemos a obsessão por ranqueamentos nas políticas curriculares atuais no Brasil, como BNCC e BNC-Formação, vemos que elas propõem um modo “eficiente” de ser docente que segue na direção contrária do que nos conta a história de vida profissional de Nilza Vieira. Mais do que colecionar narrativas, estes estudos não nos deixam abdicar daquilo que as normativas curriculares não podem tocar.

Sandra Escovedo Selles

Universidade Federal Fluminense

Niterói, 11 de dezembro de 2022

8 BRUM, E. **Meus desacontecimentos** – a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.